

CORPO: SOM E MOVIMENTO

Danças brasileiras de matriz africana: “Quem dança, seus males espanta!”



Por Denise Guerra *

Pós-Graduada em Cultura Africana e Afro Brasileira - UCB – Brasil

E-mail: denise.guerra@yahoo.com.br

A arte é muito presente na vida dos africanos. Todos os acontecimentos da vida africana são comemorados com música e especialmente com dança, sendo uma interdependente da outra; o que não faltam são os motivos: fertilidade, nascimento, plantio ou colheita, saúde, felicidade, doença e até a morte. A dança originou-se na África como parte essencial da vida nas aldeias; ela interrompe a monotonia e a

estrutura do tempo. A dança pode acentuar a unidade entre os membros de um grupo social, sendo possível a participação de homens, mulheres e crianças.

As danças de origem africana geralmente são feitas em círculos ou em fileiras. Os participantes comumente dançam descalços mantendo a tradição de respeito a terra, pois, na visão do homem africano pertencemos a terra assim como nossos ancestrais. Poucas vezes se dança sozinho, há grande preferência pelas danças de pares. Os dançarinos batem palmas, cantam, improvisam, desafiam, mostram suas habilidades sonoro-corporais. Assim como a música ou o teatro, a dança é uma forma de contar histórias.

Conforme a teoria musical, o ritmo é a organização do tempo do som, e as músicas e danças de origem africanas são fundamentalmente rítmicas. O ritmo é uma maneira de transmitir o movimento da vida, como as batidas do coração. O som, cujo tempo se ordena no ritmo, no sistema yorubá é considerado um condutor de axé (força vital) por excelência. Música, dança, mitos e objetos sagrados em conjunto, são encarregados de acionar o processo de interação entre os homens e as divindades, ligando o mundo visível e o mundo invisível (o Aiê e o Orum em nagô).

Num universo de centenas de danças originárias da cultura africana no Brasil, escolhi algumas para este palco iluminado de palavras dançantes. As danças africanas no Brasil começam a ser contadas e dançadas pelos batuques, um termo comumente aplicado pelos portugueses aos ritmos e danças dos africanos, que por extensão, designam certas danças afro-brasileiras e era também denominação genérica para os cultos afro-religiosos. Segundo Lopes (2006) “do batuque dos povos bantos de Angola e do Congo originaram-se os principais ritmos e danças do Brasil e das Américas, como o Samba e o Jongo”.

Dançar imitando os movimentos do cotidiano era o caso do Banguê ou Banguê uma dança do Pará. Ela surge logo após a abolição da escravatura no município de Cametá, através da chegada dos negros escravizados que haviam fugido dos engenhos de cana-de-açúcar da Ilha de Marajó. A palavra "Banguê" significa “padiola em que se conduziam cadáveres de escravos negros” e ainda "engenho de açúcar", por isso a dança também é conhecida como "dança dos engenhos".

Nesta dança, homens e mulheres se movem com movimentos ondulatórios imitando o melado que desce do tacho superaquecido quando se está fazendo o mel

de cana. Em alguns momentos da apresentação, os participantes se movem de forma mais rápida, fazendo representar a alegria dos escravos quando ocorriam as paradas nos intervalos das atividades no engenho. A musicalidade presente no Banguê relembra a vida, o sofrimento e a identidade cultural dos negros escravos que trabalhavam em engenhos do Pará.

Dançar pode ser sagrado: o Jongo é uma dança de roda e de umbigada que veio com os africanos das regiões do Congo e de Angola, trazidos para o trabalho escravo na região sudeste brasileira. O Jongo, também chamado de Caxambu, é uma dança voltada para o divertimento, mas, é permeada por aspectos religiosos. Além da dança, o Jongo traz em sua música “os pontos”, verdadeiros enigmas para serem desamarrados por quem entende seus fundamentos. No tempo dos escravos só dançavam os adultos, contudo, com a necessidade de preservação deste patrimônio cultural hoje é dançado até por crianças. O jongo é acompanhado dos tambores Tambu e Candongueiro, dos Guaiás (chocalhos) e da Angoma-puíta (cuíca). O canto é responsorial, há uma marcação com o pé direito quando os casais se encontram, e a improvisação corporal revela os movimentos gingados no prazer do encontro.

O grupo cultural Jongo da Serrinha no Rio de Janeiro conta que “o jongo influenciou decisivamente o nascimento do samba no Rio de Janeiro”, mas, seus aspectos místicos restringiram-no aos ambientes familiares ao contrário do samba que ganhou espaços em todo o país tornando-se nosso cartão de visitas.

O Lundu, descendente direto dos batuques africanos, é considerado a primeira música afro-brasileira. A dança do Lundu de tão sensual que era, mexeu profundamente com os corpos e com a moral da sociedade do período colonial brasileiro. Desta forma, foi perseguido e proibido pela corte portuguesa e pelo clero, entretanto, como tudo que é forma de cultura popular continuou a ser dançado às escondidas.

A prática da dança do Lundu envolve uma encenação do assédio e da conquista sexual de um homem sobre uma mulher. Em grande parte da dança a mulher esnoba o pretendente, usando de meneios que visam seduzi-lo. Ao final da cena deve ocorrer o clímax do ato sexual, quando o casal pode até deitar-se no chão para representar melhor o dito ato e depois os casais voltam a dançar em pé no salão normalmente. O

Lundu que chegou aos salões evitava a última cena, mas, não abdicava da sensualidade em demasia.

O acompanhamento musical já era mesclado de percussões com as cordas (banjo, cavaquinho, rabeca) e instrumento de sopro como o clarinete. O Lundu foi uma das primeiras danças brasileiras de pares enlaçados, pois, até então se dançava umbigada que é dança de pares soltos. No século XIX quando o Lundu tornou-se conhecido, os ritmos ainda não estavam muito bem definidos, desta forma, há alguns questionamentos sobre as semelhanças e diferenças entre o fado, que tendo nascido em terras brasileiras foi se desenvolver em terras lusitanas, e o lundu brasileiro que fez sucesso em Portugal. Tinhorão (1975) cita que há autores afirmando que o fado seria o segundo nome do lundu.

A maioria das danças tem seus estilos associados a um gênero musical específico, todavia, com a dança do Maxixe isto não aconteceu. O Maxixe foi o primeiro tipo de dança de salão urbana surgida no Brasil. Era dançado em locais que não atendiam a moral e aos bons costumes da época, como em forrós, gafieiras da Cidade Nova e nos cabarés da Lapa, no Rio de Janeiro, por volta de 1875. Entre os ritmos que embalavam o Maxixe estão o tango, a habanera, a polca ou o lundu.

O provocante Maxixe era dançado com os pares enlaçados pelas pernas e braços, apoiando-se pela testa. Essa maneira de dançar lhe valeu o título de “a dança excomungada”. Foi perseguida pela polícia, igreja, chefes de família e educadores. Para que pudessem ser tocadas em casa de família, as partituras de maxixe traziam o nome inadequado de "Tango Brasileiro". Só no final do século XIX, o maxixe foi considerado um gênero musical, quando o espírito nacionalista brasileiro aflorado clamava por um aspecto cultural que nos identificasse como tal. Assim, as casas editoriais imprimiram às músicas com esta classificação a seguinte frase: "a primeira dança genuinamente brasileira".

Para vivenciar as danças afro-brasileiras há que se expor a proximidade dos corpos no embalo dos ritmos sincopados, ao aumento da pulsação e da sensação de prazer no movimento e na troca íntima com o par, além de desvendar uma pungência alegre e contagiante. Com a licença poética do compositor Djavan... “Dançar é mover o dom do fundo de uma paixão, seduzir as pedras, catedrais, coração...”.

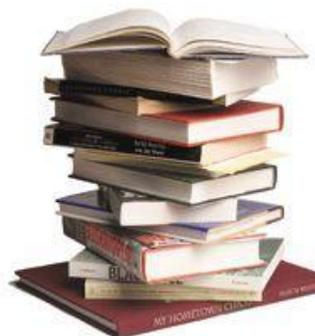
PARA SABER MAIS:

LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Samba o dono do corpo**. 2ª ed.- Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular brasileira de Índios, Negros e Mestiços**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GRUPO CULTURAL JONGO DA SERRINHA. **Jongo da Serrinha**. Org. Marcos André – Prefeitura do Rio de Janeiro : Rio Arte, 2002.



SITES

<http://www.amazonia.com.br/folclore/danca.asp> (acesso em 20/12/2008.)

<http://brasilfolclore.com.br> (acesso em 15/12/2008)

*CRÉDITOS DA AUTORA

- Graduação em Musicoterapia (Conservatório Brasileiro de Música) -1995.
- Especialização em Psicomotricidade (Universidade Candido Mendes) -2003.
- Licenciatura e Bacharelado em Educação Física (Universidade Estácio de Sá) – 2004.
- Especialização em Cultura Africana e Afro Brasileira (Universidade Castelo Branco) – 2007.
- Trabalho com portadores de deficiência (Apae -Rio) 1996 – 2006.
- Formação em Dança de Salão, Yoga, Massoterapia, Shiatsu.
- Organizou grupos de dança com alunos portadores de deficiência.
- Professora do Ensino Fundamental e Educação Infantil das redes municipais de ensino de Japeri e Queimados.
- Artigo publicado em site da Argentina <http://www.efdeportes.com.br> 2004: A criação do clube escolar e núcleo de artes: uma nova alternativa no combate ao ócio estudantil. 2007: Preserve a sua natureza faça atividades físicas.
- Artigo publicado no jornal Comunicando – (Univ. Candido Mendes 2003): Ludomotricidade: Da espontaneidade à construção do sujeito.
- Ministrou cursos no Instituto Isabel de: Recreação, Psicomotricidade, Dança .